



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANA PATRÍCIA DOS SANTOS VIANA

**A VIOLÊNCIA E A RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISTA EM
“A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA” DE GUIMARÃES ROSA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

ANA PATRÍCIA DOS SANTOS VIANA

**A VIOLÊNCIA E A RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISTA EM
“A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA” DE GUIMARÃES ROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V614v Viana, Ana Patricia dos Santos.
A violência e a religiosidade na construção do protagonista em "A hora e a vez de Augusto Matraga" de Guimarães Rosa [manuscrito] / Ana Patricia dos Santos Viana. - 2023.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira, Departamento de Letras - CH."

1. Gênero conto. 2. Guimarães Rosa. 3. Ressignificação.
4. Religiosidade. I. Título

21. ed. CDD B869.3

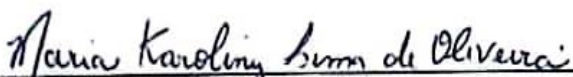
ANA PATRÍCIA DOS SANTOS VIANA

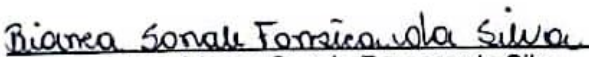
**A VIOLÊNCIA E A RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO
PROTAGONISTA EM "A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA" DE
GUIMARÃES ROSA**

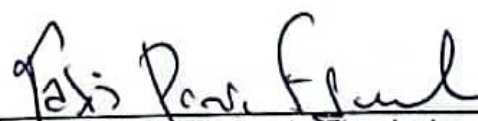
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Letras e Humanidades –
CCHA/CAMPUS IV, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 28/06/2023

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Fabio Pereira Figueiredo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho em especial, aos meus filhos João Bernardo e Joaquim, que são meu propósito de viver e que me dão forças para alcançar meus objetivos. A minha mãe por sempre acreditar que eu seria capaz e que nunca mediu esforços para que eu realizasse esse sonho. E a todos que contribuíram de alguma forma na minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter me dado forças quando pensei inúmeras vezes em desistir desse sonho. Obrigada senhor pelas maravilhas que sempre faz em minha vida!

Aos meus filhos, João Bernardo dos Santos Camelo e Joaquim dos Santos Camelo, que me dão diariamente animo e coragem para realizar todos os meus sonhos. Ao meu esposo, Everton Camelo, que sempre me incentivou e foi meu companheiro nos momentos de alegrias e angustias, sendo meu suporte psicológico durante os percalços do curso.

Minha gratidão a minha mãe, Francineide dos Santos, por ter me incentivado na realização desse sonho, essa graduação é por mim e pela senhora, obrigada por tudo!

A minha querida e admirável orientadora, Prof^ª. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira, que me guiou e me deu total suporte na realização desse trabalho, obrigada por ter aceitado me orientar, mesmo sem me conhecer, você é um ser humano incrível e uma profissional que muitos deviam se espelhar.

Aos meus colegas, em especial Caique Gouveia, Jéssica Laiza, Maria Vitória Lopes, Joyce Marques e Heloise Paulino, que no decorrer do curso se tornaram grandes amigos que levarei para sempre no meu coração, obrigada por tudo que fizeram por mim.

Gratidão à Heloise Paulino, por toda força e companheirismo durante o processo do trabalho de conclusão do curso. Dividimos aflições, medos e alegrias, sempre nos apoiando em todos os momentos.

Aos meus queridos professores que com muita dedicação nos transmitiram seus conhecimentos.

À banca examinadora, por terem aceitado o convite de fazer parte da avaliação do trabalho, e pelas contribuições no crescimento dessa pesquisa.

- Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.
(Guimarães Rosa)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A NARRATIVA EM DEBATE: uma análise sobre a construção e estrutura do gênero conto.....	12
2.1 Gênero conto: algumas considerações.....	12
2.2 A construção do personagem.....	16
3. "CADA UM TEM A SUA HORA E SUA VEZ": a religião durante o percurso de Augusto Matraga.....	21
3.1 A religião e o sujeito: um olhar a partir da tradição regional e oral.....	21
3.2 "A hora e a vez" de Guimarães Rosa: considerações sobre o autor e o conto.....	24
3.3 O jagunço: a cultura da violência do homem sertanejo.....	27
3.4 Entre o jagunço e o santo: o papel da religião na mudança de caráter de Augusto Matraga.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

A VIOLÊNCIA E A RELIGIOSIDADE NA CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISTA EM “A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA” DE GUIMARÃES ROSA

VIOLENCE AND RELIGIOSITY IN THE CONSTRUCTION OF THE PROTAGONIST IN “A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA” OF GUIMARÃES ROSA

Ana Patrícia dos Santos Viana

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar de que maneira a religiosidade é apresentada na narrativa e como a religiosidade influencia a transformação do personagem principal do conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” presente na obra *Sagarana* de Guimarães Rosa. Para isso, discutiremos a maneira que essa temática consegue modificar os aspectos e características do personagem, assim como a forma que Guimarães Rosa ressignifica seus personagens através da relação filosófica e religiosa do indivíduo, através dos símbolos e aparatos do catolicismo popular. Baseamos esse estudo a partir das contribuições de diversos teóricos, como Brait (2006) e Candido (2009) que refletem sobre a construção estrutural e textual do personagem e do enredo da obra, Frazão (2022) e Diana (2014) apresentando a biografia do autor, Gotlib (2022) sobre a teoria do conto, e Cardoso (2015) e Koethe (2000) que discutem sobre o anti-herói e a religiosidade na obra, entre outros. Diante disso, nossa pesquisa, de cunho bibliográfico e analítico, irá focar na construção do personagem principal Augusto Matraga, partindo do pressuposto que ele se modifica através do tempo e das circunstâncias que vivencia. No desenrolar do conto o personagem se transforma, passando de um homem violento para um indivíduo de fé e que busca sua redenção, observando que a ressignificação do personagem se dá pelos momentos de violência que sofreu. Dessa forma, observaremos o papel da religião no conto, considerando que o personagem, primeiramente descrito como um estereótipo do homem sertanejo, temido por todos por sua brutalidade e atitudes grotescas e que usa da violência para defender sua identidade, moldada por um sistema patriarcalista, ressignifica suas ideias, sua forma de pensar e agir, tornando-se um homem de fé, decidido a mudar sua vida em busca da salvação divina.

Palavras-chave: Gênero Conto. Guimarães Rosa. Ressignificação. Religiosidade.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how religiosity is presented in the narrative and how it influences the transformation of the main character in the short story "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" from Guimarães Rosa's Sagarana. To do so, we will discuss the way this theme manages to modify the aspects and characteristics of the character, as well as the way Guimarães Rosa re-signifies his characters through the philosophical and religious relationship of the individual, through the symbols and apparatuses of popular Catholicism. We base this study on the contributions of several theorists, such as Brait (2006) and Candido (2009) who reflect on the structural and textual construction of the character and the plot of the work, Frazão (2022) and Diana (2014) presenting the author's biography, Gotlib (2022) on the short story theory, and Cardoso (2015) and Koethe (2000) who discuss about the anti-hero and religiosity in the work, among others. In view of this, our bibliographical and analytical research will focus on the construction of the main character Augusto Matraga, based on the assumption that he changes through time and the circumstances he experiences. As the tale unfolds, the character transforms from a violent man to an individual of faith who seeks redemption, observing that the re-signification of the character is given by the moments of violence he suffered. In this way, we will observe the role of religion in the story, considering that the character, first described as a stereotype of the backwoodsman, feared by all for his brutality and grotesque attitudes and who uses violence to defend his identity, molded by a patriarchalist system, re-signifies his ideas, his way of thinking and acting, becoming a man of faith, decided to change his life in search of divine salvation.

Keywords: Genre Short Story; Guimaraes Rosa; Reframing; Religiosity.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a religiosidade tem sido fonte de significado, consolo espiritual e orientação moral para inúmeras pessoas. Na literatura não é uma exceção, através das metáforas, símbolos e narrativas, muitos autores examinam questões fundamentais sobre a natureza da fé e a relação entre o divino e o humano. Nesse contexto, Guimarães Rosa apresenta em seu conto "A Hora e a vez de Augusto Matraga" uma riqueza de simbolismos e reflexões sobre a religiosidade e o seu papel na transformação do homem.

O conto, apresentado na obra *Sagarana* narra a história de Augusto Matraga, um homem violento e impiedoso que vive uma vida de excessos e maldades. No entanto, após sofrer uma emboscada por seus antigos capangas, Matraga é dado como morto e abandonado em uma estrada deserta. Lá, ele é resgatado por um casal de negros, que o levam para sua casa e cuidam dele até sua recuperação. Durante sua estadia, Matraga passa por uma profunda reflexão sobre suas escolhas e seu modo de vida. Neste momento a religião entra em cena, desempenhando um papel significativo na transformação do protagonista. Ele busca a redenção e se volta para a vida religiosa, abandonando seus antigos vícios e escolhas, tornando-se um homem completamente diferente.

Ao longo da narrativa, Guimarães Rosa explora dois momentos distintos da trajetória do protagonista tanto no desenvolvimento da história quanto na caracterização do personagem. Inicialmente, o narrador nos apresenta Augusto Esteves, também conhecido como Nhô Augusto, filho de um coronel, que personifica o estilo de vida tradicional do homem sertanejo, fortemente influenciado pela cultura patriarcalista e marcado pela defesa da honra. Posteriormente, surge Augusto Matraga, um homem completamente transformado pela fé, que busca a redenção por meio da espiritualidade. Essa transformação ocorre de forma paralela à reconstrução de sua vida, funcionando como uma metáfora na qual a mudança de nome acompanha sua nova fase de existência. A religião, portanto, desempenha um papel fundamental na narrativa, mostrando como a fé e a busca por um sentido maior podem impactar a vida de alguém, oferecendo uma chance de renovação e transformação.

Diante disso, analisaremos nesta pesquisa de que maneira a religião é abordada na construção do personagem principal no conto rosiano, explorando as

nuances da natureza humana e as possibilidades de transformação pessoal através da fé. Esta pesquisa de cunho bibliográfico e analítico parte do pressuposto que Augusto Matraga se modifica através do tempo e das circunstâncias que vivencia. Assim, busca-se discutir de que forma a religiosidade se torna um agente transformador, conduzindo o protagonista de uma natureza rústica e agressiva a uma busca fervorosa por redenção, permeada pela fé. Por meio dessa análise, é possível compreender a complexidade do conto "A hora e a vez de Augusto Matraga" e a habilidade do autor em construir um personagem profundo e multifacetado.

A escolha de analisar o conto "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" foi baseada no interesse pessoal de compreender a transformação do protagonista, que passa de um sujeito rústico e violento para alguém em busca de redenção através de uma jornada de autoconhecimento por meio da religiosidade. Além disso, justifica-se também em sua relevância para o estudo da estruturação do gênero literário, a construção do personagem no conto em análise, bem como o estudo da influência da religiosidade no desenvolvimento do protagonista, aspectos esses que colaboram para o campo dos estudos literários, para pesquisas futuras. No viés social, essa pesquisa proporciona reflexões sobre o papel da fé e da espiritualidade na sociedade, bem como para a compreensão das possibilidades de superação e mudança pessoal.

Para isto, a presente pesquisa será dividida em dois capítulos principais. No primeiro, dividido em dois subtópicos, apresentaremos uma análise sobre a construção e estrutura do gênero conto, abordando suas características, bem como exploraremos a construção do personagem no conto, considerando as influências ideológicas e culturais, respectivamente. O segundo capítulo, irá conter quatro subtópicos. O primeiro relacionando a tradição regional e oral, compreendendo a religião como uma expressão viva e dinâmica da espiritualidade em um contexto cultural e social. No segundo subtópico, será apresentado algumas considerações sobre Guimarães Rosa, bem como um resumo do conto analisado. Posteriormente, será analisada a cultura do homem sertanejo, que resolve seus problemas através de atitudes violentas em defesa da sua identidade. Finalizaremos nossa análise apresentando como a religião é apresentada na narrativa, a partir de um olhar da cultura e tradição regional, que leva o protagonista à sua redenção e transformação.

2 A NARRATIVA EM DEBATE: uma análise sobre a construção e estrutura do gênero conto a partir da narrativa "A hora e a vez de Augusto Matraga"

2.1 Gênero conto: algumas considerações

Neste tópico apresentamos algumas considerações sobre o gênero conto, sua estruturação e características. Para isso utilizamos dos respaldos teóricos atribuídos por Gotlib (2004) em sua obra intitulada *Teoria do Conto* bem como Bosi (1994) para discutirmos as características e os elementos textuais da estruturação deste gênero literário, no que diz respeito ao tipo de narrador, espaço e enredo da história.

Inicialmente, para conceituarmos o gênero conto, é necessário compreender que além de um gênero isolado, o conto é uma ramificação da narrativa, tendo em vista que “toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano” (GOTLIB, 2004, p. 8). Ou seja, sempre há algo a ser narrado, com situações que podem ou não fazer parte da realidade e que são transmutadas para palavras para ensinar algo ao público alvo daquele texto.

Quando falamos sobre o conto relatar acontecimentos que estão ou não inseridos na realidade, queremos dizer que o conto não necessariamente tem compromisso com um evento real, ou seja, na escrita, não há limites precisos entre ficção e realidade, mas sim graus de proximidade ou afastamento do real, isto é, há textos que objetivam mostrar com mais fidelidade a realidade vivenciada pelo autor, e outras que são mais fantasiadas (GOTLIB, 2004).

Bosi (1994) afirma que o conto se distingue por sua sucinta e resolução narrativa, tentando fornecer uma história completa em um espaço condensado. O autor enfatiza como os contos modernos são diferentes dos contos clássicos, que se caracterizavam por desfechos mais previsíveis e narrativas lineares. Os contos contemporâneos colocam mais foco em atmosferas, exploração psicológica de personagens e reflexões existenciais. De acordo com o teórico o conto, em contraste com o romance, normalmente dá uma perspectiva mais restrita, centrada em um único personagem ou incidente, o que aumenta a intensidade e a riqueza da narrativa.

Diante disso, observamos que em “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” a história gira em torno do protagonista Augusto Matraga e a transformação da sua

vida através da fé e da religiosidade, abordando a perspectiva psicológica do protagonista e suas reflexões existenciais, em passagens como:

E ele teve uma vontade virgem, uma precisão de contar a sua desgraça, de repassar as misérias da sua vida. Mas mordeu a fala e não desabafou. Também não rezou. Porém a luzinha da candeia era o pavio, a tremer, com brilhos bonitos no poço de azeite, contando histórias da infância de Nhô Augusto, histórias mal lembradas, mas todas de bom e bonito final. Fechou os olhos. Suas mãos, uma na outra, estavam frias. Deu-se ao cansaço. Dormiu. E desse modo ele se doeu no enxergão, muitos meses, porque os ossos tomavam tempo para se ajuntar, e a fratura exposta criara bicheira. Mas os pretos cuidavam muito dele, não arrefecendo na dedicação. — Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!... Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar. — Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?! — Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum... E por aí a fora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvencido torpor. (ROSA, 2017, p. 14)

De acordo com Gancho (1991) a narrativa não existe sem que haja um narrador, uma vez que ele é o elemento estruturador da história. Em "A hora e a vez de Augusto Matraga" identificamos o narrador como sendo em terceira pessoa, uma vez que está fora dos fatos narrados, tendo um ponto de vista imparcial, que sabe tudo sobre a história e está presente em todos os lugares:

Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era um cofo de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões. (ROSA, 2017, p. 12)

Para Gotlib (2004) o narrador assume a função de “contador-criador-escritor de contos” uma vez que ele pode interferir no próprio discurso, utilizando recursos criativos para prender a atenção do leitor. A maneira como um conto é contado e as maneiras específicas como ele é entregue, como a inflexão de voz, gestos, olhares ou até mesmo palavras e recomendações específicas, podem ser trabalhadas pelo narrador em um esforço para atrair e prender a atenção do público.

Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta – a entonação da voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões –, que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório. (GOTLIB, 2004, p. 9)

É perceptível no decorrer do conto rosiano em análise que o autor além de utilizar recursos de vocabulário, como o uso das cantigas populares e regionais que trazem musicalidade e leveza para a obra, também reproduz uma escrita regida pela oralidade e pela utilização de diversas expressões locais (FUCKS, 2018), como pode-se observar na narrativa analisada, à exemplo:

E o bando entrou na estrada, com o Tim Tatu-tá-te-vendo puxando uma cantiga brava, de tempo de revolução: “O terreiro lá de casa não se varre com vassoura: varre com ponta de sabre, bala de metralhadora...” Nhô Augusto não tirou os olhos, até que desaparecessem. E depois se esparramou em si, pensando forte. Aqueles, sim, que estavam no bom, porque não tinham de pensar em coisa nenhuma de salvação de alma, e podiam andar no mundo, de cabeça em-pé... Só ele, Nhô Augusto, era quem estava de todo desonrado, porque, mesmo lá, na sua terra, se alguém se lembrava ainda do seu nome, havia de ser para arrastá-lo pela rua-da-amargura... (ROSA, 2017, p. 27-28)

Nessa mesma direção, Gotlib (2004, p.13) citando o trabalho *As transformações dos contos fantásticos* do estudioso Vladimir Propp (1978), explica que existem duas formas do gênero conto, a forma fundamental, ligada diretamente às origens religiosas, e as formas derivadas, que dependem da realidade em que o conto aparece e do contexto cultural, uma vez que se “a vida real não pode destruir a estrutura geral do conto, ela modifica ou o transforma”.

Diante do exposto, consideramos que o conto de Guimarães Rosa apresenta em sua estrutura as duas formas discutidas por Gotlib (2004), uma vez que é um texto curto, que utiliza de seus personagens para transmitir situações da nossa realidade, mesmo que seja um conto totalmente ficcional, e que tanto se liga diretamente a religião católica e a fé humana, quanto ao contexto cultural e regional da obra, considerados nesta pesquisa como a forma fundamental e a forma derivada, teorizadas por Propp¹ (1978) e discutida por Gotlib (2004) em *Teoria do Conto*.

Pode-se observar essas características da forma fundamental e derivada durante todo o conto rosiano, uma vez que narra a conversão e penitência do personagem principal, Augusto Matraga, em passagens como por exemplo:

Reza, que Deus endireita tudo... P’ra tudo Deus dá o jeito! [...] e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e o terço. [...] “Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e

¹ PROPP, Vladimir. Morfologia do conto. Trad. de Jaime Ferreira e Vítor Oliveira. Lisboa, Editorial Vega, 1978

conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar” (ROSA, 2017, p. 14)

Bem como foca também na cultura e nos aspectos regionais da época em que se passa o conto, à exemplo de onde e como acontece a história, no Córrego do Murici, uma cidade do sertão, especificamente do estado de Alagoas; cidade pequena, na época dos coronéis – inclusive Matraga era “filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira” (ROSA, 2017, p. 1); outro aspecto perceptível é a tolerância para com certas violências, para exemplificarmos, utilizamos o ocorrido no início da trama, quando Matraga compra uma rapariga no leilão, a ver:

– Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão...
[...]

– Dou cinco mil-réis!...

– Sariema! Sariema!

E aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:

– Cinquenta mil-réis!...

Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.

– Nhô Augusto! Nhô Augusto! (ROSA, 2017, p.2)

Com o passar dos anos, o gênero conto, tão difundido pelos tempos, se modifica e se adapta tecnicamente à modernidade, uma vez que é caracterizado como um gênero que se movimenta enquanto uma narrativa através dos tempos. “Segundo o modo tradicional, a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final. Segundo o modo moderno de narrar, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se numa estrutura invertida” (BADER, 1945 *apud* GOTLIB, 2004, p.17)

Ou seja, no modo tradicional considerava-se que o modo de narrar encarava o mundo ao todo e conseguia representa-lo, enquanto no modo moderno o ponto de vista fixo sobre o mundo se dissipa. “Neste sentido, evolui-se do enredo que dispõe um acontecimento em ordem linear, para um outro, diluído nos *feelings*, sensações, percepções, revelações ou sugestões íntimas” (GOTLIB, 2004, p. 17), que observamos no texto como um todo, ao ver por exemplo, a dureza da penitência vivida por Matraga, pelas sensações causadas pelo desenrolar da trama, desde as risadas pelas escolhas de vocabulário, como por exemplo quando “Nhô Augusto olhou a mulher. – Que é?!... Você tem perna de Manuel-Fonseca, uma fina e outra

seca” (ROSA, 2017, p. 5), ou pela tensão causada pelos embates entre o Augusto e tantos personagens que surgem no decorrer do conto, como o Major Consilva, que junto aos antigos capangas do Matraga, o espancam com o intuito de matá-lo:

O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho. Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços. — Frecha, povo! Desmancha! Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinhãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho monggo que amava a mulher-à-toa Sariema (ROSA, 2017p. 10-12).

Para concluir, discutimos, neste tópico, o gênero do conto, analisando os seus elementos e características. A partir das contribuições teóricas de Gotlib (2004), Gancho (1991) e Bosi (1994), entendemos o conto como um gênero narrativo capaz de transitar entre a realidade e a ficção e entregar ao leitor histórias condensadas e finais narrativos distintos. O conto em análise, de Guimarães Rosa (2017), mostra com maestria as peculiaridades desse gênero literário, com seu narrador em terceira pessoa e a riqueza da terminologia e da oralidade regionais presentes na obra. Ao desafiar as estruturas tradicionais e ao analisar a fragmentação narrativa, o autor mostra como o conto evoluiu na modernidade. Além disso, que o conto é uma forma literária versátil e rica, capaz de prender o interesse do leitor com as suas técnicas de narração e temas significativos.

2.2 A construção do personagem

Após essa breve análise sobre o gênero conto e sua estrutura, destinaremos nesse subtópico a identificação e caracterização dos principais personagens do texto que dão vida ao enredo da história, a começar por Augusto Matraga e seu núcleo familiar e social. Para isso, utilizamos as contribuições de Candido (2009) e Brait (2006) sobre a construção do personagem e sua relação com a realidade.

Sobre as contribuições de Candido, nos apoiamos nas teorias de sua obra intitulada *A personagem da Ficção* (2009). Segundo o teórico, o personagem se constrói a partir da subjetividade do autor, assim, se torna uma extensão do próprio ser humano, contendo uma vida com passado, presente e futuro. Destarte, depende das condições do ambiente e o enredo estarem relacionados na trama:

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. “Nunca expor ideias a não ser em função dos temperamentos e dos caracteres”. Tome-se a palavra “ideia” como sinônimo dos mencionados valores e significados, e ter-se-á uma expressão sintética do que foi dito. Portanto, os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias”, [...] só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bens realizados. (CANDIDO, 2009, p. 51)

De acordo com o teórico, a partir do século XVIII o romance é remodelado e por consequência os personagens também passam por este processo de remodelação, “passam de personagens simples em enredos complicados para personagens complicados em enredos simples” (CANDIDO, 2009, p. 59). Ao descrever estas mudanças, Cândido separa os tipos de personagens como de costume, apresentando características invariáveis, ou de natureza, que se modificam durante o desenvolver da história:

As “personagens de costumes” são, portanto, apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; por meio, em suma, de tudo aquilo que os distingue vistos de fora. Estes traços são fixados de uma vez para sempre, e cada vez que a personagem surge na ação, basta invocar um deles. [...] As “personagens de natureza” são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros. Não são imediatamente identificáveis, e o autor precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca. (CÂNDIDO, 2009, p. 60)

Enquanto personagens de costumes, como descreve Cândido (2009) temos em *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, os personagens Dona Dionóra, os pretos tutelares de Matraga, e seu Joãozinho Bem-Bem e seu bando que apresentam traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados, como vemos na descrição dos personagens pelo autor, a ver “Dona Dionóra, que tinha belos cabelos e olhos sérios” (p.5); “o preto que morava na boca do brejo [...] e a preta, mulher do preto [...] que agora eram pai e mãe de Nhô Augusto” (ROSA, 2017, p.12-17);

Vindos do norte, da fronteira velha-de-guerra, bem montados, bem enroupados, bem apessoados, chegaram uns oito homens, que de longe se viam que eram valentões [...] O bando desfilou em formação espaçada, o chefe no meio. E o chefe – o mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul enrolado no chapéu de couro, com dentes brancos limados em acume, de olhar dominador e tosse rosnada, mas o sorriso bonito e mansinho de moça – era o homem mais afamado dos dois sertões do rio [...] o arranca-toco, o treme-terra, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem. (ROSA, 2020, p.21-22)

Já em relação ao segundo tipo de personagem, segundo a teoria de Candido, os “personagens de natureza”, enquadrados, de forma mais significativa, o personagem principal, Augusto Matraga, uma vez que além das características superficiais do personagens, o narrador transmite sua existência e ideias de forma profunda, em diversas vezes utilizando recursos como os diálogos nas relações interpessoais do personagem, apresentando dessa forma, o indivíduo enquanto a visão dos outros personagens, construindo diversas camadas daquele de que se fala, a ver:

E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda — no Saco-da-Embira, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul — ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. [...] Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai panocrácio. (ROSA, 2017, p. 6)

Em outra perspectiva, temos a teoria de Brait (2006), em sua obra *A Personagem*, a autora conceitua os personagens enquanto imitação da realidade, uma vez que “A construção de personagens obedece a determinadas leis, cujas pistas só o texto pode fornecer.” (p. 68), podendo desempenhar funções dentro do texto, sendo elas: elemento decorativo, quando o personagem não existe a partir do ponto de vista psicológico do autor, aparecendo na trama apenas para auxiliar no desenvolver da história; agentes da ação, sendo estes os que contribuem diretamente com o desenvolvimento dos conflitos vivenciados pelos personagens; o porta-voz do autor, “a soma das experiências vividas e projetadas pelo autor da obra; e o ser fictício como forma própria de existir” (BRAIT, 2006, p. 68-69).

A partir da perspectiva de Brait (2006), decidimos considerar duas das quatro funções estabelecidas pela autora para analisarmos o conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” (ROSA, 2017), sendo elas: elementos decorativos e agentes da ação. Diante disto, classificamos como Agentes da Ação os personagens Augusto Matraga, Quim Recadeiro, Joãozinho Bem-Bem, Mãe Quitéria e Pai Serapião, Dona Dionóra e Mimita, uma vez que contribuem diretamente para o desenvolvimento dos conflitos e contextos da história, o Matraga por ser o personagem principal participa de grande parte dos acontecimentos do conto, Quim Recadeiro, que surge desde o início da história dando vida as conversas de Augusto com a esposa Dona Dionóra,

levando e trazendo recados entre os dois (p. 5), bem como ao acompanhar Dona Dionóra e Mimita, filha do casal, que tinha 10 anos, em sua viagem de volta para o Morro Azul (p.6-7), que fora interrompida por Ovídio Moura, um homem que era apaixonado por Dionóra, e a leva, juntamente com Mimita para morar com ele (p. 7), pena foi que com o passar do tempo, Mimita se “perde no mundo”, “tão nova, e já na mão de todos, rolando por este mundo ao deus-dará...” (p. 19). Após o ocorrido entre Ovídio e Dionóra, Quim Recadeiro volta para as terras de Augusto para contar-lhe sobre o caso (p. 8).

Joãozinho Bem-Bem aparece do meio ao fim do conto, quando passa junto com seu bando no vilarejo em que Augusto Matraga estava vivendo. O grupo de jagunços traz de volta as lembranças do espírito de grupo e violência que Nhô Augusto vivia antigamente, desde o primeiro momento de encontro, quando o Matraga os convida para descansarem em seu aposento, até quando o reencontra quando Augusto, durante sua expedição pelo sertão, viaja com seu jegue e chega ao arraial do Rala-Coco, onde Joãozinho residia. Por fim, Mãe Quitéria e Pai Serapião, que aparecem desde o início do conto, embora não sejam nomeados de primeira, e são descritos como o casal de pretos que se tornam tutelares de Augusto desde quando ele é espancado pelos capangas do Major Consilva eles vêm a ser nomeados apenas no momento em que Matraga decide ir embora do vilarejo em que morava para ganhar o mundo.

Já sobre a classificação dos personagens enquanto elementos decorativos, e considerando que estes aparecem apenas para auxiliar em momentos específicos do desenvolvimento da trama, atribuímos este papel aos personagens Tião Leiloeiro e as mulheres Angélica e Tomázia, conhecida primeiramente como Sariema que surgem apenas no início do conto antecedendo a entrada do personagem principal na obra, o senhor Ovídio Moura, que aparece apenas na cena em que leva Dona Dionóra e Mimita para morar com ele, o padre que não é nomeado no conto, e que aparece após o Matraga ser espancado, quando está se recuperando na casinha dos pretos, os capangas do Joãozinho Bem-Bem: Flosino Capeta, Epifânio, Tim Tatu-tá-te-vendo, Cabeça-chata, Juruminho e Zeferino, que aparecem apenas durante a estadia do bando na casa de Augusto, Rodolpho Merêncio que emprestou um jegue para Augusto no momento em que ele decidiu que estava na hora de partir do vilarejo em que morava, e o velho caduco não nomeado, que aparece para dar início e fim ao desfecho do conto.

Em suma, a construção das personagens em "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" ilustra a evolução da narrativa moderna, em que as personagens se tornam mais complexas, carregando consigo uma história passada e uma trajetória futura que se entrelaça com o enredo. Com personagens de costumes e de natureza, que podem ser classificados como elementos decorativos ou agentes da ação, Guimarães Rosa dá vida a uma galeria diversificada de indivíduos, cada um com suas características distintas que contribuem para o desdobramento da trama. Essa abordagem complexa e cuidadosamente elaborada dos personagens enriquece a experiência literária, proporcionando ao leitor uma imersão profunda no universo ficcional do conto.

3. “CADA UM TEM A SUA HORA E SUA VEZ”: a religião durante o percurso de Augusto Matraga

Em "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", Guimarães Rosa apresenta a história de um personagem marcado por traições, violência e uma vida desregrada, que encontra a redenção por meio da religião. Augusto Matraga, após uma série de acontecimentos dolorosos e transformadores, busca a reconciliação consigo mesmo e com sua fé. Para analisarmos como a religião tem o papel primordial na redenção e mudança de vida do protagonista Augusto Matraga utilizaremos como teóricos principais Almeida e Barbosa (2014), Ribeiro (2003), Barros (1998), Koethe (2000), Oliveira (2015), dentre outros estudiosos que contribuíram grandemente para esta pesquisa.

3.1 A religião e o sujeito: um olhar a partir da tradição regional e oral

Quando olhamos para a religião a partir da tradição regional e oral, percebemos uma relação íntima entre a religiosidade e o sujeito inserido nesse contexto. Nas tradições regionais, especialmente em comunidades rurais ou em regiões afastadas dos centros urbanos, a transmissão e a vivência da religião muitas vezes ocorrem por meio da tradição oral, isto é, pela transmissão de histórias, lendas, cantigas e rituais de geração em geração.

O catolicismo popular é uma forma de religiosidade que foi desenvolvida ao longo dos séculos, especialmente em regiões na qual a religião foi introduzida e mesclada com crenças e práticas locais. Rosetti (2017) explica que a religião é caracterizada por expressões religiosas que diferem da religião oficial da Igreja Católica, apresentando uma forma peculiar de vivenciar o sagrado. Nesse sentido, a cultura regional está inserida e incorpora elementos específicos em ritos, cultos, festas, romarias específicas de tradições culturais locais.

O catolicismo popular, pelo fato de ser popular, está sempre relacionado com o catolicismo oficial romano. As doutrinas fundamentais, os santos, os sacramentos etc. os próprios católicos do catolicismo popular se confessam dentro da Igreja oficial dos clérigos. Por isso não se pode entender o catolicismo popular sem a manutenção da relação dialética com o catolicismo oficial. (ROSETTI, 2017, p. 73)

Em “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” podemos observar que os aspectos religiosos estão presentes em praticamente todo o texto. A primeira cena apresentada na narrativa ocorre “num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.” (ROSA, 2017, p. 1). Embora o desenrolar dessa primeira cena desenvolva o protagonista como um homem valente, temido por todos pela fama de ser perigoso, é visto que a religiosidade faz parte desde o início da sua vida, embora não fosse adepto de todas as crenças e tradições de um homem devoto. Em sua infância, criado pela avó, Augusto era influenciado para seguir carreira religiosa, como descreve o narrador “Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p’ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha...” (ROSA, 2017, p. 7).

A tradicionalidade religiosa, ou seja, o apego aos textos bíblicos e às tradições pode ser representada no conto pela figura do Padre, que confessa Augusto Matraga após sua reflexão e decisão de mudar de vida, bem como o aconselha a seguir o bom caminho, trabalhando duro e se mantendo longe das tentações que o levariam para sua antiga vida.

— Eu acho boa essa ideia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito! — Fé eu tenho, fé eu peço, Padre... — Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...” (ROSA, 2017, p. 15)

Observamos no conto que a ideia de uma religião moldada pela cultura regional e pelas necessidades do homem contemporâneo com sua forma única de ver o Sagrado (SUESS, 2001), se faz presente na mudança de perspectiva de vida do personagem, que passa a enxergar uma nova vida após as conversas com o padre, e que tenta de diversas formas se manter firme na decisão de renegar seu próprio eu, tentativa esta, falha, uma vez que volta ao que era, retoma seus antigos anseios e vontades de viver o pecado e contraditoriamente encontra sua redenção em nome de Deus no momento em que desfalece para salvar um pobre velho e sua família da morte e implora por piedade em nome de Deus.

— Epa! Nomopadrofilhospritosantamêin! Avança, cambada de filhoda mãe, que chegou minha vez!... E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos tiros, com os cabras saltando e miando de maracajás, e Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos. — Ô gostosura de fim-de-mundo!... E garrou a gritar as palavras feias todas e os nomes imorais que aprendera em sua farta existência, e que havia muitos anos não proferia. E atroava, também, a voz de seu Joãozinho Bem-Bem: — Sai, Canguçu! Foge, daí, Epifânio! Deixa nós dois brigar sozinhos! A coronha do rifle, no pé-do-ouvido... Outro pulo... Outro tiro... Três dos cabras correram, porque outros três estavam mortos, ou quase, ou fingindo. E aí o povo encheu a rua, à distância, para ver. Porque não havia mais balas, e seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes. E eles negaceavam e pulavam, numa dança ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão. — Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar... — Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem... — Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo!... — Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho p'ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!... — Ui, estou morto... A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos. Aí, o povo quis amparar Nhô Augusto, que punha sangue por todas as partes, até do nariz e da boca, e que devia de estar pesando demais, de tanto chumbo e bala. Mas tinha fogo nos olhos de gato-do-mato, e o busto, especado, não vergava para o chão. (ROSA, 2017, p. 39)

Em conclusão, ao examinarmos a religião a partir da tradição regional e oral, podemos perceber a íntima relação entre a religiosidade e o sujeito inserido nesse contexto. Nas tradições regionais, a transmissão e a vivência da religião ocorrem por meio da tradição oral, que cantigas e rituais transmitidos de geração em geração. Essa forma de religiosidade popular, como exemplificado no conto "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", é caracterizada por uma expressão única do sagrado, desvinculada da religião oficial, e permeada por elementos culturais e folclóricos específicos da região. A transformação do personagem principal, em sua busca pela redenção e reconciliação com Deus, reflete a complexidade e a multiplicidade de perspectivas presentes na religiosidade popular, bem como a quebra de limites e a fragmentação características da pós-modernidade. Através desse olhar a partir da tradição regional e oral, podemos compreender a religião não apenas como uma instituição, mas como uma expressão viva e dinâmica da espiritualidade do sujeito em seu contexto cultural e social.

3.2 "A hora e a vez" de Guimarães Rosa: considerações sobre o autor e o conto

Filho de Francisca Guimarães Rosa e Florduardo Rosa, João Guimarães Rosa, nasceu em 27 de julho de 1908, em Cordisburgo, interior de Minas Gerais. Rosa iniciou seus estudos primários em sua cidade, porém, aos seus 10 anos, em 1918, mudou-se para Belo Horizonte, onde morou com seus avós enquanto estudava no Colégio Arnaldo. Pouco antes de entrar na universidade, começou a escrever seus primeiros contos, em 1929 publicou *O mistério de Highmore Hall*, na revista O Cruzeiro. (DIANA, 2014)

O autor é conhecido por suas contribuições originais ao regionalismo e à inovação linguística. Sua escrita, marcada por um estilo vibrante, vanguardista e original, elevou a literatura brasileira a um novo patamar. A produção criativa de Guimarães Rosa é elogiada por sua singularidade e audácia estética. Segundo Alfredo Bosi (1994), na seção sobre o autor em sua obra *História concisa da literatura brasileira*, Guimarães Rosa investiga as configurações e os povos do interior do Brasil, mergulhando nas emoções do universo sertanejo, retratando a vida e as dificuldades enfrentadas por seus habitantes, nos apresentando uma visão complexa e multifacetada do sertão, que vai além dos estereótipos e traz à tona as contradições, as crenças populares, uma linguagem peculiar e os desafios daquele contexto.

Um diferencial da literatura de Guimarães Rosa, além do regionalismo, é a inovação da linguagem. De acordo com Bosi (1994), Rosa utiliza estratégias literárias de ponta para criar seu próprio cosmos linguístico distinto. Dessa forma, sua escrita está repleta de neologismos, arcaísmos, frases comuns e jogos de palavras que desafiam as regras gramaticais e abrem novos caminhos para a expressão. Juntamente com a nuance psicológica de seus personagens e o intrincado enquadramento da história, essa experimentação de linguagem deu à escrita de Guimarães Rosa uma sensação de vanguarda:

Deitado na esteira, no meio de molambos, no canto escuro da choça de chão de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro, como se o seu pobre corpo tivesse ficado imenso. Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si que era melhor viver. Bebeu mingau

ralo de fubá, e a preta enrolou para ele um cigarro de palha. Em sua procura não aparecera ninguém. Podia sarar. Podia pensar. Mas, de tardinha, chegou a hora da tristeza; com grunhidos de porcos, ouvidos através das fendas da parede, e os ruflos das galinhas, procurando poleiro nos galhos, e a negra, lá fora, lavando as panelas e a cantar: As árvores do Mato Bento deitam no chão p'ra dormir... E havia também, quando a preta parava, as cantigas miúdas dos bichinhos mateiros e os sons dos primeiros sapos. (ROSA, 2017, p. 13)

Segundo Frazão (2022) Guimarães Rosa foi uma das principais expressões da literatura brasileira. Em sua obra *Sagarana* (1946), Rosa fez sucesso em sua época, e faz sucesso até hoje. O livro premiado, integra-se na 3ª semana do Modernismo brasileiro e é composto por nove contos que mistura elementos cotidianos, ficcionais e lendários sobre a vida no sertão, abordando costumes, temas, comportamentos, crenças e expressões que faziam parte do imaginário da população:

Em 1946, depois de refazer a obra, e reduzir de 500 para 300 páginas, publicou *Sagarana*. O estilo era absolutamente novo, a paisagem mineira ressurgia viva e colorida, as personagens expressavam o pitoresco de sua vida regional. Sucesso de crítica e público, seu livro de contos recebeu o Prêmio da Sociedade Felipe d'Oliveira, esgotando-se, no mesmo ano as duas edições. (FRAZÃO, 2022, s/p)

Além dessa obra, o autor conta com diversas narrativas brilhantes e importantes para a literatura brasileira. Como exemplo, temos os livros *Primeiras Estórias* (1962) e *Grande Sertão: Veredas* (1956) sendo estas grandes narrativas regionalistas, nas quais o autor nos deleita com sua linguagem inovadora, sua profundidade psicológica e sua habilidade em criar personagens complexos e as atmosferas envolventes e que retratam a diversidade cultural brasileira. Para esta pesquisa, escolhemos a obra *Sagarana* (1946), uma coletânea de contos de Guimarães Rosa, nesse livro estão presentes os contos “O burrinho pedrês”, “Sarapatalha”, “Corpo Fechado”, “Conversa de bois” entre outros. Analisaremos, dentre os contos que compõem a obra, o que se intitula “A hora e a vez de Augusto Matraga”, mais especificamente, a edição do conto do ano de 2017. Ele é composto por cerca de 20 personagens, embora poucos tenham falas ou tenham uma breve passagem no decorrer do conto

A narrativa em análise retrata a conversão e redenção de Nhô Augusto após tantos anos levando uma vida de traições, apostas e violência. Criado pela avó, Augusto Matraga perdeu a mãe muito cedo, ainda criança, e tinha um pai ausente e

problemático. Ao longo dos tempos, Nhô Augusto perde sua herança com as apostas nos jogos e com as mulheres com quem traía a esposa, Dona Dionóra, que desgastada com as traições e com a ausência do marido tanto com ela, quanto na vida de sua filha, Mimita, foge para morar com outro homem, que era perdidamente apaixonada por ela, o senhor Ovídio Moura.

Após receber a notícia da fuga de sua esposa, Nhô Augusto decide se vingar da mulher, bem como de seu archi-inimigo, o Major Consilva, que contratou os capangas de Nhô Augusto para trabalhar para ele, fazendo os trabalhos sujos. Assim, os capangas, ao mandato do Major, espancam e marcam Augusto com um ferro quente utilizado para marcar os gados da fazenda. Após o ato, os capangas jogam Nhô Augusto de um barranco, onde posteriormente ele é encontrado por um casal de pretos (Pai Serapião e Mãe Quitéria), que abrigam e cuidam de Augusto, e posteriormente são "adotados" por Augusto como seus pais.

Em seu processo de reabilitação, Nhô Augusto se lamenta pelos acontecidos e pede a salvação de sua alma. Ao ouvir os pedidos, o casal leva um padre para confessar e conversar com Nhô Augusto sobre a importância da fé e da penitência para sua absolvição. O padre o aconselha a mudar de cidade, deixar sua vida passada e construir uma nova, plena e devota, com trabalho árduo e orações todos os dias. Conselho este, que é seguido pelo homem.

A vida de confusões e violência, a partir de então, param de existir para Nhô Augusto, embora seis anos mais tarde, o Matraga encontre um velho conhecido de sua terra natal, o Tião, que conta sobre a vida de Dionóra com Ovídio, sobre Mimita e sua perdição na vida, sobre a morte tão sentida por Nhô Augusto de Quim, o recadeiro que trabalhava para ele e morreu em seu nome. Ao ouvir as notícias trazidas por Tião, Augusto sente-se culpado, porém segue com sua vida de orações e trabalho duro.

Tudo muda, porém, quando Augusto conhece Joãozinho Bem-Bem e seu bando, quando estavam de passagem pelo vilarejo em que o Matraga vivia e os convidam para ficar em sua casa, momento em que Augusto relembra os tempos antigos e o sentimento de grupo. Tempos depois, Nhô Augusto, agora decidido a viver sua vida, vai embora de casa e parte, junto com um jumento que pegou emprestado, para novos lugares. Em sua viagem, Augusto chega em Arraial do Rala-Coco, onde encontra novamente seu amigo Joãozinho Bem-Bem, que junto de seu bando, planejam executar uma família de um assassino que fugira. Ao ouvir os

planos do bando, e após a aparição do velho, pai da família que o bando pretendia matar, Nhô Augusto demonstra seu descontentamento com a decisão e intervém para que o plano não seja colocado em prática. No calor do momento, Augusto Matraga e Joãozinho Bem-Bem entram em um grande embate e morrem durante a briga.

Diante do que foi exposto, compreende-se que Guimarães Rosa tem uma grande influência na escrita brasileira, indo além das concepções estéticas, transcendendo às convenções linguísticas e literárias, elevando a literatura brasileira e incentivando uma nova geração de escritores. Em "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" temas como a condição humana, a existência, a violência e a busca por um sentido maior da vida que é dado através da religiosidade, são amplamente abordados nesta narrativa. A personalidade conflitante dos seus personagens captura a complexidade da experiência humana, retratando com veemência a dualidade entre bem e mal que permeia a vida. Como resultado, Rosa deixa uma marca duradoura na história literária que ainda é altamente considerada, apreciada e valorizada.

3.3 O jagunço: a cultura da violência do homem sertanejo

Através de narrativas literárias, é possível adentrar em um universo complexo e contraditório, onde a violência se entrelaça com valores culturais, tradições e contextos históricos específicos. Essa representação literária em "A hora e a vez de Augusto Matraga" busca revelar as camadas da masculinidade sertaneja, expondo tanto os aspectos heroicos e corajosos quanto os traços mais sombrios dessa cultura. A partir da construção de Nhô Augusto, Guimarães nos apresenta a violência como característica intrínseca do protagonista, que age a partir de padrões sociais estabelecidos pela cultura patriarcalista em defesa da honra.

Fica claro que, dentro do ambiente rural, especificamente o sertão, a atitude de 'lavar a própria honra' se revela como uma solução para a reafirmação da identidade masculina. Sendo assim, entendemos que a "questão de honra" é antes uma questão de gênero que dialoga com um conjunto de ideias, que, de uma forma ou de outra, fazem parte do universo dos papéis sociais impostos a homens e mulheres (ALMEIDA, 2014, p. 241).

Ao explorar as camadas da masculinidade sertaneja na narrativa literária de "A hora e a vez de Augusto Matraga", Guimarães Rosa revela uma dinâmica

complexa na representação de Nhô Augusto, o protagonista, que é moldado por uma cultura patriarcal, na qual suas ações são moldadas por questões de gênero, de reafirmação do "ser macho", e o faz através de conflitos e confrontos violentos. Esses aspectos podem ser observados em diversas passagens do conto, uma vez que desde o início Augusto Matraga, com a fama de um homem bruto e violento, envolve-se em diversas situações complexas e que culminam em atividades realmente violentas. Ao longo do tempo, vemos sua busca frenética por redenção e restauração de sua honra, o que o coloca contra inimigos e dificuldades mais ameaçadoras. A fragilidade e a vulnerabilidade de Nhô Augusto, incapaz de escapar das expectativas e convenções de gênero que o mantêm preso em um ciclo interminável de violência, podem ser vistas sob essa necessidade frenética de validação de sua masculinidade.

A partir disto compreendemos que a valentia e a violência física em defesa da honra atrelado à cultura patriarcalista do homem sertanejo, inserem no personagem a caracterização do estereótipo do jagunço e molda suas ações em razão da sua integridade. De acordo com Ribeiro (2003) o jagunço é um termo utilizado para fazer referência a um capanga ou servo que trabalhava para os coronéis e líderes políticos, estando em maioria das vezes realizando tarefas como proteção pessoal, ações violentas em nome dos seus empregadores, geralmente envolvidos em conflitos armados, confrontos ou disputas de terras. Ou seja, o jagunço é conceituado como um representante da força bruta, frequentemente recrutado para defesa dos interesses e da autoridade dos coronéis. Em "A hora e a vez de Augusto Matraga" observa-se a presença desses aspectos desde o primeiro ato, quando são apresentados os ex-capangas do protagonista:

Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas, e ainda pôde acrescentar:

— ...Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p'ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

— Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem.

Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: — Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P'ra ele pagar o que está nos devendo... [...]

Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma ideia resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia

a força. E foi. Cresceu poeira, de peneira. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chegou à chácara do Major. Mas nem descavalgou, sem tempo. Do tope da escada, o dono da casa foi falando alto, risonho de ruim:

— Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves!...

O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho. Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços. (ROSA, 2017, p. 10-11)

Bem como o momento em que Augusto conhece a turma de Joãozinho Bem-Bem e pensa também em fazer parte daquele bando:

E assim entraram os dois no arraial do Rala-Coco, onde havia, no momento, uma agitação assustada no povo. Mas, quando responderam a Nhô Augusto:

— É a jagunçada de seu Joãozinho Bem-Bem, que está descendo para a Bahia...” — ele, de alegre, não se pôde conter:

— Agora sim! Cantou p’ra mim, passarim!... Mas, onde é que eles estão?

Estavam aboletados, bem no centro do arraial, numa casa de fazendeiro, onde seu Joãozinho Bem-Bem recebeu Nhô Augusto, com muita satisfação. Nhô Augusto caçoou:

— “Boi andando no pasto, p’ra lá e p’ra cá, capim que acabou ou está para acabar...”

— É isso, mano velho... Livrei meu compadre Nicolau Cardoso, bom homem... E agora vou ajuntar o resto do meu pessoal, porque tive recado de que a política se apostemou, do lado de lá das divisas, e estou indo de rota batida para o Pilão Arcado, que o meu amigo Franquilim de Albuquerque é capaz de precisar de mim...

Fitava Nhô Augusto com olhos alegres, e tinha no rosto um ar paternal. Mas, na testa, havia o resto de uma ruga (ROSA, 2017, p. 34)

Em relação a descrição do personagem pelo narrador, Riambau (2006) explica que Augusto Esteves, Nhô Augusto e Augusto Matranga são faces diferentes do mesmo personagem. Observa-se que ao início do conto, quem é apresentado como protagonista é Augusto Esteves, o filho do Coronel, trazendo o ar do homem sertanejo, de caráter frio e violento. Rosa (2017, p. 6) o descreve como um homem “duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato”, e apenas posteriormente no conto somos apresentados ao Nhô Augusto, na qual a mudança de nome acompanha sua mudança de vida:

não fumava mais, não bebia, não olhava para o bom- parecer das mulheres, não falava junto em discussão. Só o que ele não podia era se lembrar da sua vergonha; mas, ali, naquela biboca perdida, fim-de-mundo, cada dia que descia ajudava a esquecer. (ROSA, 2017, p. 17)

Augusto Matraga, por conseguinte, surge no conto apenas ao findar da narrativa, após seu embate final com Joãozinho Bem-Bem, que além de sua própria honra, luta pela sua remição, em nome da fé:

— Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar... — Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem... — Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo!... — Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho p'ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!... — Úi, estou morto... A lâmina de Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos (ROSA, 2017, p. 39)

Segundo Cardoso (2015) o conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” apresenta, desde o iniciar da história, expressões e cenas que problematizam a dicotomia entre bem-mal ou sagrado-profano, que compõem a narrativa do enredo construído por Rosa. A ambiguidade da personalidade de Matraga pode ser considerada como características de um herói problemático descrito pela teoria de Lukacs (2009) em a “Teoria do Romance”.

Partindo do exposto, compreendemos que o protagonista pode ser considerado um herói problemático Lukácsiano, pois está situado entre dois polos: a comunidade fundamental do herói e sua ruptura insuperável. É observável essas características no conto analisado, uma vez que primeiramente a narrativa é centralizada em um herói e um mundo que possuem ideologias e ações que giram em torno da defesa de sua identidade e da cultura sertaneja do seu tempo. Nesse sentido, a comunidade fundamental do herói é caracterizada pelos valores tradicionais, como a virilidade e o respeito às suas tradições. No entanto a ruptura insuperável é manifestada quando o protagonista passa por um processo de transformação profunda ao encontrar a morte iminente, e reflete sobre seus erros e como tentar salvar sua alma.

De alguma forma, essas personagens têm no delírio uma forma de postar-se diante do mundo. A despeito de o homem insano ser aquele tomado em um mundo social real, sancionado negativamente pela sociedade de que faz parte, nossos anti-heróis fazem da insanidade uma maneira de se colocarem em papel centralizador. Possuem o traço do trágico-cômico; trágico quando se pensa na impotência do ser diante das circunstâncias, porém descambam para o cômico quando exageram em suas ações e falas, tornando-se hiperbólicas, burlescas. A despeito de suas ações infundadas, continuam lutando para a concretização de seus respectivos projetos até as últimas consequências. (SOUZA, 2008, p. 4)

A partir da teoria de Souza (2008) observa-se que Augusto Matraga, moldado por sua realidade cheia de traços grotescos, possui particularidades do herói grego, trágico quando se pensa na impotência do ser diante das circunstâncias como o momento em que o protagonista é espancado e marcado, jogado barranco abaixo, e cômico quando “exageram em suas ações e falas, tornando-se hiperbólicas, burlescas” de acordo com diversas passagens do texto, observamos, por exemplo, no início do conto, ao arrematar a “Sariema” no leilão de prostitutas que ocorria próximo à igreja, como vê-se: “E Nhô Augusto olhou a mulher. – Que é?!... Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! [...] Vá-se embora, frango-d’água! Some daqui! (ROSA, 2017, p. 5) ou quando afirma “– Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!” (p. 16) entre muitas outras.

Assim, a personificação do anti-herói representada em Nhô Augusto aparece em dicotomia com sua busca pela santidade. Segundo Cardoso (2015) o anti-herói presente na personalidade de Augusto

não hesita em se valer das práticas simbólicas da fé cristã a fim de continuar a ludibriar a sua esposa, atijando nela a esperança de vê-lo, ao menos, converter-se a um meio caminho direito, a uma espécie de santidade parcial, com a qual Rosa insinua haver aí, nesse tipo de conversão almejada pela esposa de Nhô-Augusto, um embaralhamento com as práticas simbólicas da profanação. (CARDOSO, 2015, p. 4)

Assim, entende-se como a violência é inerente à personalidade de Matraga, uma vez que, desde o início até o fim do conto, a violência aparece e traz uma mensagem para o personagem. Em primeiro momento, apresentando o estereótipo do homem sertanejo, dono de terras e acima das leis, que utiliza da violência para diversão e resolução de problemas. Em segundo lugar enquanto forma de redenção e conversão, haja vista que é a partir do momento em que seus ex-capangas, à mandado de seu inimigo Major Consilva, o espancam e marcam com ferro de marcar gado, que o protagonista repensa sua vida e suas atitudes e decide que é a hora de se redimir de seus pecados e salvar sua alma.

3.4 Entre o jagunço e o santo: o papel da religião na mudança de caráter de Augusto Matraga.

No conto supracitado, Guimarães Rosa apresenta uma narrativa rica em simbolismos e elementos relacionados a religiosidade e aos aspectos de redenção e

transformação espiritual. Ao analisar este conto, nos deparamos com diversas experiências que vão modificando o personagem principal Augusto Matraga. Neste capítulo, observaremos de que maneira a religiosidade se faz importante para a modificação da personalidade e escolhas de vida de alguém.

Conforme Lopes (1997) a dicotomia entre bem e mal é inerente aos sujeitos, ou seja, todos somos construídos por experiências e escolhas boas e ruins, sejam elas individuais ou coletivas. No conto aqui analisado, também pode-se observar essas características e a divergência entre o que é bom ou ruim e certo e errado. Segundo o autor "através da violência Matraga atinge sua santificação, morrendo como mártir, desafiando e desfazendo a violência institucionalizada, ultrapassando limites e lutando fielmente até a morte com Joãozinho Bem-Bem para defender a vida de uma família que não conhecia, mas pedia intercessão em nome de Deus.

Hirto, cordoveias retesas, mastigando os dentes e cuspidando baba, urrou: — Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p'ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita!... Houve um silêncio. E, aí: — Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz! (ROSA, 2017, p. 37)

Segundo Koethe (2000. p. 34) "todo grande personagem é essa união dialética de contrários numa união hipostática, em que não se pode pensar um elemento sem o outro". Ou seja, não há a possibilidade de analisar um aspecto sem considerar o outro. Não podemos analisar o papel que a religiosidade tem no conto, sem considerar a violência, que além de inerente ao próprio personagem, também é meio para sua salvação e posteriormente santificação.

Oliveira (2015) explica que a religião neste conto é vista como um instrumento de cura, de salvação, proteção e redenção e está presente em suas personagens. Em "A hora e a vez de Augusto Matraga" pode-se observar de que forma a religião e a religiosidade se inserem nesse contexto e modificam a personalidade de Nhô Augusto, o típico o homem sertanejo, agora devoto à uma divindade e às tradições religiosas, busca sua redenção e salvação. Como citado em diversas passagens no decorrer deste trabalho, o protagonista surge envolto de situações e atitudes que vão desde a violência física e moral até a santidade. Nhô Augusto toma sua decisão de mudar de vida, de buscar sua salvação a partir do momento em que se vê convalescendo, uma vez que após ter apanhado até sua

quase morte e ser salvo pelo casal de pretos que passavam próximo ao barranco em que o personagem fora abandonado para morrer, Matraga começa a refletir sobre suas escolhas de vida e o que tinha perdido diante das suas ações, o que lhe restava era tentar ao menos garantir sua salvação.

E desse modo ele se doeu no enxergão, muitos meses, porque os ossos tomavam tempo para se ajuntar, e a fratura exposta criara bicheira. Mas os pretos cuidavam muito dele, não arrefecendo na dedicação. — Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!... Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar. — Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?! — Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum... E por aí a fora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvencido torpor. (ROSA, 2017, p. 14)

Dessa forma, pode-se compreender que o protagonista é construído através das características dadas pelos contextos que acompanham o desenvolver da história, e posteriormente essas características vão se modificando pelas próprias ações do personagem, sendo elas moldadas no processo de santificação para salvação de sua alma. Segundo Pereira (2016), a natureza brutal do personagem se dá pela verossimilhança com a sociedade sertaneja da época, assim, a religião aparece no conto como uma nova forma de opressão, que opera contra os princípios éticos e morais que definem a subjetividade de Matraga, ou seja, a história implica que a religião nessa situação serve como uma ferramenta de controle social e não de libertação ou expiação. Ao tentar seguir visões religiosas que vão contra seus próprios valores morais e éticos, Matraga encontra dificuldades em sua jornada de busca pela salvação.

Mas, daí em seguida, ele não guardou mais poder para espantar a tristeza. E, com a tristeza, uma vontade doente de fazer coisas mal-feitas, uma vontade sem calor no corpo, só pensada: como que, se bebesse e cigarrasse, e ficasse sem trabalhar nem rezar, haveria de recuperar sua força de homem e seu acerto de outro tempo, junto com a pressa das coisas, como os outros sabiam viver. Mas, a vergonha atrasada? E o castigo? O padre bem que tinha falado: — “Você, em toda sua vida, não tem feito senão pecados muito graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a ideia do que o fogo do inferno é!...” Sim, era melhor rezar mais, trabalhar mais e escorar firme, para poder alcançar o reino-do-céu. Mas o mais terrível era que o desmazelo de alma em que se achava não lhe deixava esperança nenhuma do jeito de que o Céu podia ser. (ROSA, 2017, p. 19)

Oliveira (2015) apresenta em sua dissertação de mestrado, uma análise sobre os aspectos constituintes das características do personagem Augusto Matraga,

partindo da tríade religiosa e a comparando com os três momentos da vida do protagonista. O primeiro quando o aproxima a imagem de Augusto Estêves, com a representação do Deus patriarcal, que se distancia dos povos simples, dominando e escravizando seus fiéis, como pode ser observado ao início do conto

E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa [...] Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos. — Nhô Augusto! Nhô Augusto! (ROSA, 2017, p. 2)

A posteriori Oliveira (2015) apresenta mais dois momentos de vida do personagem principal no conto. O segundo ato se inicia após a surra que o protagonista leva dos seus ex-capangas, sendo deixado para morrer à beira de um barranco. Quitéria e Pai Serapião, um casal de pretos que morava em um casebre próximo ao local onde Augusto fora deixado, decidem acolhê-lo e ajuda-lo com seus ferimentos e sua recuperação. Aqui, ocorre a primeira mudança no personagem, que passa a conhecer uma realidade menos afortunada, solitária, e assim, passa a refletir sobre suas ações e decisões ao longo da vida, que lhe tiraram a família, as terras, seus capangas e companheiros. Matraga passa a buscar por perdão, mais precisamente da sua salvação e redenção voltada a doutrina do catolicismo popular, em que se deve negar o pecado e sacrificar seu eu por uma divindade maior.

E por aí a fora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvencido torpor. — Eu acho boa essa ideia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito! — Fé eu tenho, fé eu peço, Padre... — Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...” E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu: — Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua (ROSA, 2017, p. 15)

Augusto Matraga, então, passa a viver de forma tranquila, trabalhando arduamente, rezando, renegando por completo a antiga vida que levava, conforme o Padre o aconselhou, aguardando com paciência e alegria “sua hora e a sua vez”. Diante disso, Rosa escreve:

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa. O casal de pretos, que moravam junto com ele, era quem mandava e desmandava na casa, não trabalhando um nada e vivendo no estadão. Mas, ele, tinham-no visto mourejar até dentro da noite de Deus, quando havia luar claro. Nos domingos, tinha o seu gosto de tomar descanso: batendo mato, o dia inteiro, sem sossego, sem espingarda nenhuma e nem nenhuma arma para caçar; e, de tardinha, fazendo parte com as velhas corocas que rezavam o terço ou os meses dos santos. Mas fugia às léguas de viola ou sanfona, ou de qualquer outra qualidade de música que escuma tristezas no coração. [...] E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor. (ROSA, 2017, p. 17)

No terceiro momento do conto a violência, que anteriormente era renegada por Augusto Matraga, volta a fazer parte da sua vida. No desenrolar da narrativa, Nhô Augusto conhece Joãozinho Bem-Bem e seus jagunços que estavam de passagem pela cidade em rumo a busca de um antigo inimigo do chefe do bando. Nesse momento Matraga relembra sua antiga vida, se enche de júbilo e os recebe em sua casa, admirado pela bravura, pela coragem e pelas habilidades de combate, o que Oliveira (2015) conceitua como sendo a iminência da maior prova de fogo que Nhô Augusto teria em busca de sua santidade

Enquanto isso, seu Joãozinho Bem-Bem, de cabeça entornada, não tirava os olhos de cima de Nhô Augusto. E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das papo-amarelo, para ver: — Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe... — Pode gastar as óito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira... — Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparam, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho... Fez fogo. — Mão mandona, mano velho. Errou o primeiro, mas acertou um em dois... Ferrugem em bom ferro! Mas, nesse tento, Nhô Augusto tornou a fazer o pelo-sinal e entrou num desânimo, que o não largou mais. Continuou, porém, a cuidar bem dos seus hóspedes, e, como o pessoal se acomodara ali mesmo, nas redes, ao relento, com uma fogueira acesa no meio do terreiro, ele só foi dormir tarde da noite, quando não houve mais nem um para contar histórias de conflitos, assaltos e duelos de exterminação (ROSA, 2017, p. 26)

Tomado de vontade de ter sua antiga vida de volta, Nhô Augusto parte montado em um jumentinho em busca da sua hora e vez. Partindo disso, é retomada na personalidade de Matraga os aspectos culturais e sociais que tanto renegou em nome da fé, a violência volta a fazer parte da vida do personagem, mas agora de uma forma ressignificada, uma vez que antes, o fazia em nome da sua própria honra, para manter sua identidade de macho, do homem sertanejo, bruto e arrogante e ao findar do conto, o faz em nome de Deus, da defesa do infortunado que pede por piedade.

— Ai, meu senhor que manda em todos... Ai, seu Joãozinho Bem-Bem, tem pena!... Tem pena do meu povinho miúdo... Não corta o coração de um pobre pai... — Levanta, velho... — O senhor é poderoso, é dono do choro dos outros... Mas a Virgem Santíssima lhe dará o pago por não pisar em formiguinha do chão... Tem piedade de nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem!... — Levanta, velho! Quem é que teve piedade do Juruminho, baleado por detrás? [...] — Perdão, para nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem... Pelo corpo de Cristo na Sexta-feira da Paixão! — Cala a boca, velho. Vamos logo cumprir a nossa obrigação... Mas, aí, o velho, sem se levantar, inteiriçou-se, distendeu o busto para cima, como uma caninana enfuriada, e pareceu que ia chegar com a cara até em frente à de seu Joãozinho Bem-Bem. Hirto, cordoveias retesas, mastigando os dentes e cuspiendo baba, urrou: — Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p'ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita!... Houve um silêncio. E, aí: — Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz! (ROSA, 2017, p. 37-38)

Cardoso (2015) explica que no conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, Rosa rompe com a dicotomia entre sagrado e profano, instaurando uma espécie de *continuum* ou imbricamento entre os dois extremos, "de tal maneira que a figura do jagunço se converta em elemento central nesse conto, figura singular esta que não conhece limiares entre a impureza e a santidade"(CARDOSO, 2015, p.123). Dessa forma, a caracterização do personagem principal carrega consigo as contradições estabelecidas no campo religioso, se configurando "como um personagem pós-moderno por excelência" CARDOSO, 2015, p.125), que não reconhece os limites entre a impureza e a santidade. Esta narrativa permite a coexistência de múltiplas perspectivas sobre Matraga. Ele é retratado de forma complexa, com características ambíguas e contraditórias, o que leva os leitores a terem diferentes visões sobre sua jornada de redenção. Como pôde ser observado durante diversas passagens já

citadas nesta pesquisa, desde o início quando é apresentado como um homem violento, até sua transformação pessoal e nas mudanças que faz em sua vida.

Ao escrever sobre os heróis bíblicos, Koethe (2000, p.31) afirma que os textos bíblicos, além de ensinarem a obedecer ao poder e submeter-se ao destino, como nos textos gregos, também ensinam a respeitar e amar o derrotado, embora essas características sejam reservadas a duas figuras bíblicas em específico: José e Jesus Cristo. Para o autor, a sacralização nos textos é parte do processo de legitimação de interesses sociais, embora a hermenêutica desses textos sirva "tanto para dessacralizar textos quanto para, interpretando indícios, chegar a novas sacralizações".

Partindo do exposto, e utilizando do aparato desenvolvido por Koethe (2000), acreditamos que tanto a figura e história de José e de Jesus Cristo são ressignificadas em certas passagens da narrativa em análise. Koethe (2000) ao explicar a história de José, apresenta alguns pontos que especificamente analisamos enquanto semelhanças com o conto, como o momento em que José é jogado por seus irmãos no fundo de um poço, é considerado morto pelo povo, semelhante com o momento em que Nhô Augusto é jogado barranco a baixo por seus capangas que o abandonam para trabalhar para seu rival, o Major Consilva, e é por eles considerado morto, pelo simples fato de não quererem descer o barranco para conferir.

No que diz respeito a história de Jesus Cristo, que é considerado por Koethe (2000) uma corporificação do herói trágico, tendo diversas semelhanças com Prometeu, pelo sentimento de salvação da humanidade. No conto analisado, observamos que Rosa (2017) ao personificar Augusto, utiliza de algumas passagens bíblicas durante o terceiro momento do conto, como a Paixão enquanto apogeu do momento mais degradado do personagem, uma vez que é a partir da violência sofrida por Matraga por parte dos seus "traidores" capangas, que o personagem começa a repensar sua vida e buscar sua santificação.

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência —, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos. — Segura! Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo. — Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se ele morreu? Mas um dos capangas mais velhos disse melhor: —

Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés... E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior. (ROSA, 2017, p. 10)

Também no momento em que Jesus adentra a cidade de Jerusalém em seu jumentinho, e através da intertextualidade, Rosa (2017) apresenta Augusto, indo em busca do seu destino, montado no jegue que tomara emprestado de Rodolpho Merêncio, um morador da vila em que Augusto residia:

Rodolpho Merêncio quis emprestar-lhe um jegue. — Que nada! Lhe agradeço o bom desejo, mas não preciso de montada, porque eu vou é mesmo a pé... Mas, depois, aceitou, porque mãe Quitéria lhe recordou ser o jumento um animalzinho assim meio sagrado, muito misturado às passagens da vida de Jesus. E todos sentiram muito a sua partida. Mas ele estava madurinho de não ficar mais, e, quando chegou no sozinho, espiou só para a frente, e logo entoou uma das letras que ouvira aos guerreiros de seu Joãozinho Bem-Bem: “A roupa lá de casa não se lava com sabão: lava com ponta de sabre e com bala de canhão...” (ROSA, 2017, p. 31)

Ou quando traz referências sobre a Santa Ceia Cristã, no momento em que Joãozinho Bem-Bem e seus capangas se hospedam em sua casa e são servidos pelos pretos tutelares de Nhô Augusto: “Os pretos trouxeram a janta, para o meio do pátio. Era um banquete. E quando a turma se pôs em roda, para começar a comer, o anfitrião fez o sinal da cruz e rezou alto; e os outros o acompanharam, com que Nhô Augusto deu mostras de exultar” (ROSA, 2017, p. 24).

Outro ponto possível de comparar é a semelhança com a vida de alguns santos do catolicismo como o Santo Agostinho, que foi de pecador a santo assim como o protagonista do conto analisado, diferenciando-se apenas que Agostinho não era mártir, ou seja, não foi submetido a suplícios ou à morte para renunciar sua fé em Cristo, enquanto Augusto, luta até a morte contra seu amigo para salvar a vida de um pai de uma família inimiga, pelo fato de que o homem implorou piedade a Nhô Augusto e Joãozinho em nome de Deus:

— Perdão, para nós todos, seu Joãozinho Bem-Bem... Pelo corpo de Cristo na Sexta-feira da Paixão! — Cala a boca, velho. Vamos logo cumprir a nossa obrigação... Mas, aí, o velho, sem se levantar, inteiriçou-se, distendeu o busto para cima, como uma caninana enfuriada, e pareceu que ia chegar com a cara até em frente à de seu Joãozinho Bem-Bem. Hirto, cordoveias retesas, mastigando os dentes e cuspiendo baba, urrou: — Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita!... Houve um silêncio. E, aí: — Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não

faz! Nhô Augusto tinha falado; e a sua mão esquerda acariciava a lâmina da lapiana, enquanto a direita pousava, despreocupada, no pescoço da carabina. Dera tom calmo às palavras, mas puxava forte respiração soprosa, que quase o levantava do selim e o punha no assento outra vez. Os olhos cresciam, todo ele crescia, como um touro que acha os vaqueiros excessivamente abundantes e cisma de ficar sozinho no meio do curral. (ROSA, 2017, p. 38)

Portanto, compreende-se que a violência e a religiosidade, embora sejam opostas, são inerentes a construção do protagonista, uma vez que são aspectos naturais do ser humano e da sociedade, que vive entre diversas dualidades, e buscam por meio delas, a salvação, seja de problemas corriqueiros, seja espiritual. A violência, que além de molde para a personificação do personagem, também é moldada por ele, uma vez que o homem reproduz ações do seu meio, bem como a religião, culturalmente presente na obra e na nossa realidade, traz-nos um exemplo sobre a fé, a penitência e a salvação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, desenvolvida a partir do pressuposto de que a religiosidade pode modificar o homem, fundamentada a partir de um conto cheio de simbologias e conflitos existenciais tanto internos quanto externos, bem como considerando os estudos de diversos teóricos e especialistas nas obras Rosianas, conseguimos compreender a influência da violência e da religiosidade no conto “A Hora e A Vez de Augusto Matraga”, como também a dicotomia existente entre o sagrado e o profano.

A análise sobre o papel da violência e da religiosidade na transformação do protagonista Augusto Matraga nos permite constatar as características marcantes que permeiam a jornada de vida do personagem. Ao longo da nossa pesquisa, fica evidente a maneira como essas temáticas desempenham papéis fundamentais na construção do personagem e em sua jornada de redenção.

Guimarães Rosa, habilmente explora a dualidade entre esses aspectos na vida de Augusto, destacando as diferentes facetas de sua personalidade e demonstrando como a religião atua como catalisador para sua transformação. Portanto a violência e a religião desempenham papel significativo na narrativa, uma vez que aborda a natureza humana, a busca por uma vida com sentido e as possibilidades de renovação pessoal.

É esperado que nosso trabalho contribua com diferentes perspectivas de pesquisa que podem ser exploradas por estudiosos interessados em aprofundar a compreensão do conto "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" e das obras de Guimarães Rosa. Ao abordar a linguagem, a intertextualidade, as relações de poder, o contexto histórico-social e as representações temáticas, essas futuras pesquisas podem enriquecer ainda mais a compreensão dessa obra literária notável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Abilio Mendes; BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. A Honra como reafirmação da identidade masculina no conto "A Hora e a vez de Augusto Matrada", de João Guimarães Rosa. **Revista Ártemis**, vol. 13, n. 1, p. 239-250, 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/22549/12512>>.

Acessado em: 29 de maio de 2023.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Antropologia da Honra: Uma análise das guerras sertanejas. **Revista de Ciências Sociais**, vol. 29, n. 12, 1998.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix Editora. 1994.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006

CÂNDIDO, Antônio. A Personagem do Romance. In: **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p 53-80.

CARDOSO, Bruno; SANTOS, Cristian. **A representação do sagrado e do profano em A Hora e a Vez de Augusto Matraga**. Periódicos UFJF, v. 18 n. 1, 2015. Seção Temática: Religião e Natureza.

DIANA, Daniela. **GUIMARÃES ROSA**. Toda Matéria. 2014. Disponível em <<http://www.todamateria.com.br/guimaraes-rosa/>>.

FRAZÃO, Dilva. **Guimarães Rosa**. eBiografia. 2022. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/guimaraes_rosa/>. Acessado em: 15 de novembro de 2022.

FUKS, Rebeca. **A hora e a vez de Augusto Matraga de Guimarães Rosa**. Cultura Genial. 2018. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/a-hora-e-a-vez-de-augusto-matraga-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

GANCHÓ, Candida Vilarés. **Como analisar narrativas**. Editora Ática: Série Princípios. 7 ed., 8 impressão, 1991.

GOTLIB, Nadia Battela. **Teoria do Conto**. 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/40180376/N%C3%81DIA_BATTELA_GOTLIB_TEORIA_DO_CONTO>. Acessado em: 13 de novembro de 2022.

KOETHE, Flávio R. **O Herói**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LOPES, Paulo C. Carneiro. **Utopia cristã no sertão mineiro: uma leitura de “A hora e vez de Augusto Matraga” de João Guimarães Rosa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUKACS, George. **A teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução, posfácio e notas: José Marcos Mariani Macedo - São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2. ed., 240 p., 2009.

MARCELLO, Carolina. **Livro Sagarana, de Guimarães Rosa**. Cultura Genial. 2018. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/livro-sagarana-de-guimaraes-rosa/>>. Acessado em: 15 de novembro de 2022.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Marques de. **"A Hora e a Vez de Augusto Matraga: um mergulho na alma brasileira"**. Revista Desassossego, vol. 8, nº 15, 2015, pp. 117-127.

PEREIRA, João Batista. **Religião e Violência em A hora e a vez de Augusto Matraga**. Revista da Anpoll. Vol. 1, n. 41, p. 128-137, 2016. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/947>>

RIAMBAU, Vanessa. **O herói roseano: Augusto Matraga, da violência à santidade**. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Vol. 2, n. 2, Porto Alegre, 2006.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1883)**. Dissertação (mestrado), UFC, Fortaleza, 2003.

ROSA, João Guimarães. **A hora e a vez de Augusto Matraga**. In: **Sagarana**. 72. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ROSETTI, Regina. **Religião e cultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no estado do Ceará, Brasil**. **Estudios sobre las culturas Contemporáneas**, vol. 13, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/316/31652406005/31652406005.pdf>>. Acessado em: 02 de junho de 2023.

SOUZA, Eunice Prudenciano. **Quixotismo: um percurso para o herói problemático na literatura brasileira**. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP - São Paulo, 2008.

SUESS, Paulo. (2001). **Catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: Editora Loyola.